



Catarina Janeiro

Nasceu a 10 de outubro de 1979, em Abrantes e à luz de vela, por causa de uma forte tempestade. Desde cedo que a necessidade da escrita se impôs, mas foi a Psicologia que escolheu como área de estudo e trabalho. Licenciou-se em Psicologia pela Universidade de Lisboa em 2002 e exerce essa profissão desde então. A diversidade emocional e o poder da relação que o ser humano tem a capacidade de estabelecer mantêm-na intrigada até hoje e é sobretudo nesses pressupostos que se baseia a sua escrita ficcional.

Catarina Janeiro

O Hospital de Todos os Santos

coolbooks

Prólogo

Só quando se sentou à secretária e pousou a mala que transportava sempre consigo é que sossegou. Todos os anos sentia este mesmo impulso, que nunca contrariava: no primeiro dia de novembro, ainda que feriado, Albano não deixava de ir ao Hospital que sempre o acolhera, o Hospital que celebrava cada ano de existência nesse dia, o Hospital de Todos os Santos.

Ao longo dos anos, o processo tinha-se tornado quase um ritual: sentado calmamente num qualquer gabinete, lembrava o primeiro dia em que tinha entrado na Ilha, nome pelo qual era conhecido o hospital. Os estágios e o internato, tinha-os feito noutros hospitais, onde frequentemente se ouviam horrores acerca da Ilha. Concorrera a medo, quando o desejo de finalmente estabilizar falou mais alto. E conseguira o lugar. Lembrava-se que os colegas lhe tinham dado palmadinhas nas costas, numa atitude algo jocosa, desejando-lhe sorte. Estranhamente, fora esse comportamento por parte dos colegas que lhe firmara a decisão: também nunca ninguém lhe tinha prometido que seria fácil.

Entrara naqueles portões, pela primeira vez como médico da Ilha, depois de um extenso percurso a pé desde a estação de comboios. Lembrou-se de que tinha pensado com os seus botões que seria dessa que teria de se render à ideia de ter um carro. Fazer aquele percurso diariamente depressa adquiriria a dificuldade de uma maratona. Passando os portões, o edifício principal erguia-se, majestoso e impenetrável, ao fim de um caminho ladeado por árvores grossas. O jardim denso e ligeiramente descuidado sempre lhe tinha agradado, envolvendo os vários edifícios que constituíam

o Hospital de Todos os Santos – como se, para além dos muros, também o verde ajudasse a separar aquele mundo do outro, lá fora.

Fora muito bem acolhido. O diretor do serviço para onde ia trabalhar estava a meses da reforma e desejoso de encontrar um discípulo a quem transmitir o seu legado. Acolheu-o, dando-lhe tempo suficiente para se ambientar e conhecer os doentes, os recantos, os colegas. Fora o próprio Professor Sequeira que lhe confiara que, ali no hospital, as pessoas que sempre lhe agradaram mais tinham sido os doentes. Albano pensou que talvez fosse esse o segredo para a longevidade da sua motivação: durante 60 anos, aquele homem tinha ido trabalhar sempre pela razão certa.

Quando o Professor Sequeira finalmente se reformou, já Albano se sentia em casa, absolutamente concentrado na razão primordial da sua profissão. Ao caminhar sem ele pelos corredores, não se sentia sozinho. Como se tinha reformado tarde, o seu mentor falecera um par de anos após ter deixado a Ilha. Mas, enquanto vivo, tinha lá voltado a cada primeiro de novembro, para festejar a ocasião.

Albano deixou-se ficar, embalado pelo momento. Não tinha de trabalhar, hoje estava ali apenas para poder fazer parte da história daquele lugar. Não tinha doentes para observar, hoje queria apenas recordar tranquilamente cada um dos que tinha acompanhado e que já não pertenciam ali. Nem sempre a morte fora a razão para a ausência, mas, tinha de admitir, fora-o na maior parte dos casos.

Deixou o pensamento navegar livremente e deu consigo a pensar nos seus mortos, e em quanto de si tinha morrido no ano anterior. Mesmo que tivesse fingido, quase um ano inteiro, que a normalidade o tinha atingido de novo. Mesmo que fizesse das tripas coração para ninguém notar. Mesmo assim.

Chegava a ser irónico que tivesse sido depois de tudo acontecer – depois de se ter reaproximado dos pais, depois de ter conquistado a presença de Patrícia, agora constantes na sua vida –, que se começara a sentir assim tão morto. Assim tão sem alma. Assim tão negro. Como se a destruição de um negrume tivesse criado outro.

Ao longo do último ano tinha trabalhado, tinha visitado os pais amiúde, e jantava mais de uma vez por semana com Patrícia. E fazia tudo isto sem hesitar, sem se questionar. Como se fosse um autómato, como se os acontecimentos de outubro do ano anterior tivessem dissolvido todo o seu ser. Já lhe tinha acontecido, em dias de fim de semana, ficar deitado na cama muito para além da hora habitual, no escuro, preso a um total vazio que o preenchia. Outras vezes acordava a meio da noite, tão cheio de energia e ideias que não conseguia ficar parado, e vestia-se à pressa para vaguear pelas ruas vazias de uma cidade abandonada aos bêbedos. Nunca contara a Patrícia. A ideia de, deliberadamente, lho esconder, incomodava-o. Primeiro, porque não tinha de lhe dizer, e incomodava-o incomodar-se com isso. Depois, porque não tinha nenhuma razão para não lhe dizer.

Albano sabia que a relação que mantinham era, em todos os aspetos, fora do comum. Havia uma espécie de compromisso tácito de estarem juntos algumas vezes, mas nenhum deles passava o limite de frequência ou proximidade que se tinha estabelecido. Nestes termos, era uma relação de exclusividade, já que nenhum deles mantinha outra relação mais próxima ou com maior grau de importância. Mas não existia qualquer convenção, título ou envolvimento físico a caracterizá-los. Quando estavam juntos tudo acontecia de forma esmorecida, perfeitamente natural. Era nos momentos de solidão que Albano se questionava sobre a situação, para vezes sem conta chegar à conclusão de que, não conseguindo afastar-se ou aproximar-se, esta seria a situação possível. Na verdade, Patrícia não mostrava o mínimo sinal de desconforto com esta forma de viver, o que o ajudava a descomplicar a situação.

Só não sabia até quando.

Parte I

A brecha

Estava perdido nos seus pensamentos, enlevado com a ideia da festividade do dia, quando uma sirene cortou o ar, fazendo-o saltar da cadeira. Apenas ouvira aquele som duas ou três vezes, nos simulacros que, de muito em muito tempo, eram obrigados a fazer. Nessas alturas fora sempre em situação premeditada, ao contrário daquele dia, em que nada faria supor que o alarme iria soar.

Albano abriu a porta do gabinete e espreitou para o corredor. Não se via viva alma, nenhum som havia para além do grito ensurdecedor da sirene, e nenhum movimento. Ficou confuso e voltou à secretária. Intuíva que o alarme soava devido a algum erro. Nada de anormal parecia estar a acontecer. Pegou no telefone e tentou ligar para alguns colegas, que estariam noutros pontos do hospital. Ninguém atendeu. Albano estava estranhamente tranquilo e otimista. Não tinha vontade nenhuma de sair e perder tempo misturando-se com a multidão que a ocasião provocaria. Só queria que passasse tudo rapidamente e a Ilha regressasse ao seu funcionamento normal. Queria ver as pessoas do costume nos sítios do costume.

Olhava pela janela, tentando decidir o que fazer, quando começou a sentir-se zozno e com sono. Albano teve tempo de perceber que o mais provável seria a sirene ter tocado devido a uma fuga de gás na Ilha. Sabia que iria desmaiar em breve. Esticou o braço para abrir a janela e sentou-se na cadeira mesmo ao lado, para evitar que o desmaio o fizesse cair desamparado no chão.

Quando voltou a si, não soube precisar quanto tempo tinha estado inconsciente. E pensou que nunca poderia dizer a ninguém que ficara dentro da Ilha durante a evacuação, pois tinha sido

excessivamente imprudente. Ouviu ruídos fora do habitual, ao longe, para além do corredor do gabinete onde se encontrava.

Começou a mexer-se lentamente, reparando que tinha um livro aberto numa das mãos. Não o reconhecia, não era seu, certamente. Uma encadernação antiga protegia as páginas amareladas e já comidas pelo tempo. O autor era Goethe. Albano não se lembrava de ter ouvido falar desta obra. Na lombada, o título em alemão fê-lo recordar o curso que tinha feito durante a faculdade, e que lhe permitia perceber o suficiente da língua: *Aus meinem Leben: Dichtung und Wahrheit* significava *Da minha vida: poesia e verdade*¹.

O interior do livro estava escrito em inglês, o que tornava tudo ainda mais bizarro. Uma frase sublinhada com uma linha irregular, de um escarlate que lhe deixava dúvidas sobre qual seria a sua origem, dizia «*Perhaps the demon of terror had never so speedily and powerfully diffused his terrors over the earth.*»² Aquela frase Albano conhecia. Era sobre o terramoto de Lisboa, em 1755. Goethe tinha 6 anos por essa altura, e tinha deixado referências ao acontecimento.

Uma estranha sensação invadiu Albano. De onde tinha surgido aquele livro? Que situação tinha sido aquela? A confusão ainda não o deixava pensar claramente.

O som de uma mensagem a chegar interrompeu o seu transe. Agarrou no aparelho para a ler.

«*Adoro promoções de takeaway. Às 20 horas, vai buscar as pizzas à pizzaria que fica a caminho de cá; já fiz o pedido. Eu tenho o vinho. Hoje é um bom dia para hibernar em casa.*»

Albano pousou o telemóvel e recostou-se na cadeira. A vida ia continuar como se aquelas horas não tivessem acontecido.

¹ Tradução da autora.

² Tradução da autora: «Talvez o demónio do terror nunca tenha sido tão rápido e poderoso a difundir os seus terrores sobre a terra.»

Era feriado. Durante muito tempo detestara os feriados, essas interrupções súbitas na sua azáfama essencial, que a faziam parar e, algumas vezes, mergulhar no vazio. Por vezes, dava consigo a pensar que a escolha da sua profissão fora perfeita para alguém que não pretende ter tempo para parar: ser enfermeira é viver nos intervalos dos turnos. Maiores ou mais pequenos, mas constantemente em contínuo com o resto da vida. Era uma forma de viver sem interrupções.

Nos últimos tempos apercebera-se de que gostava mais destes momentos em que vivia sem guião. Deixou-se ficar na cama, presa entre o sono e o despertar. O rádio despertador tocava música baixinho, e as fortes chuvadas que caíam de tempos a tempos faziam-na aninhar-se ainda mais. Era já quase hora de almoço quando resolveu levantar-se da cama para rapidamente se acomodar no confortável sofá. Tinha sido uma excelente compra, aquele sofá enorme onde se podia estender. Aliás, a única compra que tinha feito na altura da mudança de casa, há um par de meses. Tentara permanecer na sua antiga casa, mas desde o ano anterior que uma qualquer inquietação teimava em desassossegá-la constantemente. Sentia-se bastante ridícula por isso, e a calma que observava em Albano impedia-a de lhe confidenciar esta sua agitação. Fora por isso que lhe dissera que estava cansada de passar tanto tempo no trânsito no caminho para o trabalho, tendo decidido arranjar uma casa nova, mais próxima de onde tinha de estar. Albano dispusera-se a ajudá-la, mas todas as casas que lhe propusera lhe tinham parecido demasiado próximas da dele. Acabara no limite da cidade,

suficientemente perto do rio para se sentir livre e, ainda assim, mais próxima de Albano do que antes.

Aproveitara o fim do verão para fazer a mudança e aproveitara a mudança para deixar para trás muita coisa que não queria manter na sua vida. O sofá era, assim, o sinal mais óbvio de um recomeço confortável. E sabia-lhe muito bem usá-lo.

Estava prestes a ganhar coragem para se levantar e ir tomar banho quando o seu telemóvel tocou. Ouviu-o ao longe e arrastou-se pela casa, guiada pelo som. Um número de telemóvel piscava, sem que fosse identificado pela sua lista de contactos. Hesitou por um segundo e atendeu, já pronta para despachar quem quer que fosse do outro lado a tentar vender-lhe alguma coisa.

– Sim... – O tom de voz casual era completamente forçado.

– Menina Patrícia? – Do outro lado, uma voz masculina ligeiramente alterada pela ansiedade. Um sotaque que lhe gelou o sangue nas veias. Há tanto tempo que não ouvia aquele sotaque.

– Sim, a própria. Com quem estou a falar?

– Desculpe estar a ligar-lhe assim, menina. Sou o pai do Albano, Albano Romão... Desculpe incomodá-la logo num feriado, mas preciso de lhe falar. Se não fosse importante não ligaria.

– Sr. Romão, como está? Não incomoda nada, o Albano fala muitas vezes em vocês. Mas passou-se alguma coisa, está tudo bem?

Patrícia, para além de surpreendida, começava a ficar assustada. Um telefonema daqueles não poderia significar nada de bom. Os pais de Albano eram pessoas reservadas e só em último caso lhe ligariam, como estavam a fazer naquele momento.

– Menina Patrícia, tirei o seu número do telemóvel da minha filha. Eu sei que a ajudou quando ela voltou para Coimbra. Estou a ligar-lhe porque precisamos que nos tranquilize, se for o caso. O Albano está bem? Tem notado algo fora do comum no comportamento dele, ultimamente?

Patrícia hesitou na resposta. De facto, não, ela não notara nada de incomum no seu comportamento ultimamente. Mas também

não podia afirmar que Albano estivesse bem. E não se tinha apercebido disso até o pai dele lho perguntar. Ainda assim, tudo o que lhe passou pela cabeça não foi mais do que uma vaga ideia, e não podia preocupar o senhor apenas com base na sua intuição.

– Sr. Romão, do que me é dado a saber, acho que sim, que o Albano está bem. Não notei nada assumidamente fora do normal no comportamento dele. Mas porquê, os senhores sabem de alguma coisa?

– Queríamos saber o que se passa. A Sofia ligou-nos, ficámos assustados porque parecia estar a dizer coisas parecidas com as de há um ano. Mas, ao mesmo tempo, o que dizia não era desprovido de sentido.

– O que é que ela disse, Sr. Romão?

– Olhe, menina, deixe lá, não se mace com estas coisas. Acha que com o Albano está tudo bem, não é? Agradeço-lhe imenso e, mais uma vez, desculpe tê-la incomodado.

– Esteja à vontade, Sr. Romão, ligue sempre que for necessário. Mas... tem alguma coisa a ver com o ano passado?

O homem não podia deixá-la com aquela dúvida. Não seria justo.

– Não, menina, não tem nada a ver com isso. Felizmente a Sofia recuperou e voltou para a vida dela.

Patrícia não se lembrara que os pais de Albano se tinham contentado com uma explicação breve sobre a súbita partida dele no ano anterior. Sabiam que Albano passara por dificuldades, mas tinha sido tudo facilmente atribuído ao trabalho e também sanado dessa forma. Decerto que a crise por que Sofia estava a passar na altura ajudara a afastar as atenções do que se passara na aldeia.

– Sr. Romão, o que é que ela disse?

– Menina Patrícia, não se preocupe. Isto foi certamente um excesso de preocupação de pais que vão para velhos e não têm mais nada em que pensar. Obrigado, menina. Tudo de bom para si e que lhe corra tudo bem.

– Obrigada, Sr. Romão. Para vocês também.

O silêncio que veio com o fim da chamada imobilizou-a, de olhar fixo num qualquer ponto irrelevante, com rugas a marcarem profundamente a testa franzida. Reparou que já passava muito da hora de almoço. Num ímpeto, pegou no telemóvel e mandou mensagem a Albano.